

O amok

A prova maior de que, pelo menos numa grande parte da humanidade, os espíritos dos mortos bons não regressam ao mundo dos vivos (nos recônditos da África e da América ainda se pensa que não é assim) está em que o apóstolo Pedro não assombrou o caricaturista do Papa com um preservativo no nariz, Maomé não fez explodir o estúdio do cartonista dinamarquês que o representou com uma bomba na cabeça, Cristo não reduziu a estátuas de sal os profanadores do seu templo em Jerusalém, Aristóteles e Juvenal não deram sinais de que abjuravam a mercantilização do desporto (contra a máxima *mens sana in corpore sano*), nem Platão zurziu os estudantes que negligenciavam a Matemática, a Filosofia e a Política.

Poderá inferir-se que não houve regresso porque os antigos profetas se enganaram, os deuses se arrependeram e os sábios desistiram de indicar que o caminho da felicidade se encontra através da Razão, da Verdade e do Belo (que para Aristóteles se reuniam na *enteléquia*), como antídoto contra as emoções acumuladas pelo recalçamento dos condicionalismos sociais que podem levar a actos anti-sociais e destrutivos?

Ou concluir simplesmente que os símbolos e as crenças também morrem e que a novos tempos correspondem novas figurações, novos conceitos e novas doutrinas. No seu tempo, já Cícero lamentava: *o tempora! o mores!*?, Pilatos perguntava o que era a Verdade, Montaigne comparava a Razão com um jarro de duas asas, Marx postulava que a religião era o ópio do povo, Dostoievski conjecturava que se Deus não existe tudo é permitido. Mas se Deus existe (dizem-no cristãos, judeus e muçulmanos) e tudo é permitido em nome de novas verdades e razões, será consequente ridicularizar a religião do Outro, destruir o país do Outro, desprezar a liberdade do Outro, impor os valores lógicos e éticos do Eu ao Outro. E quando o Outro resiste ao Eu, se necessário, destruí-lo onde quer que resista, seja nas mesquitas de Bagdad, nas torres de Nova Iorque ou nos comboios de Madrid.

Nietzsche também afirmava que *onde está a vida, aí está também a vontade, não a vontade de viver, mas a vontade de poder?*, e Marinetti, que *a guerra é bela porque fundamenta o domínio do homem sobre a maquinaria subjugada, graças às máscaras de gás, aos megafones assustadores, aos lança-chamas e tanques?*. E até o padre António Vieira, para quem *é a guerra aquele monstro que se sustenta das fazendas, das vidas, e quanto mais come e consome tanto menos se farta?*, claudicava perante o *direito de legítima defesa?*, em nome da Pátria e da Fé, prefigurados quer pelo herege holandês, no Brasil, quer pelo usurpador castelhano, em Portugal.

Que sentido da Razão, da Verdade e do Belo teriam os alemães do III Reich, quando, ao som da música de Wagner, passavam pelas câmaras de gás milhões de judeus, ciganos e comunistas aprisionados nos campos de concentração? *Como pôde isto acontecer? qual foi a razão?*- perguntava a filósofa judia Hannah Arendt, face ao julgamento, em 1963, de Adolph Eichmann, um dos mentores do extermínio. E Susan Sontag, sobre a guerra no Iraque e as barbaridades cometidas na prisão de Abu Ghraib: *O que fizemos nós?...*

O chefe do Governo do Irão, Ahmadinejad, faz as suas contas e diz que é uma mentira *sionista?* a história de que milhões de judeus foram exterminados pelos alemães; Bush, Blair e seus aliados na guerra contra o Iraque sustentam que impor os valores culturais do Ocidente aos regimes teocráticos muçulmanos é um imperativo do Bem contra o Mal; como é um plano em suspenso introduzir no mundo o paradigma americano da democracia e da liberdade, nomeadamente em Cuba e na Coreia do Norte.

Se o padre António Vieira pudesse fazer um sermão deste tempo, repetiria certamente o que disse no seu: *Todos puxam pelas armas e são armas tudo o que de mais perto se oferece às mãos: chovem os golpes, voam as pedras, uns ferem, outros caem; todos correm e acodem sem saber a quê, ou a quem, ou a causa, uns incitados do ódio ou da ira, outros sem ira nem ódio; tudo é grita, tudo desordem, tudo confusão?*

Mas se acima dos espíritos dos pequenos deuses, sábios e profetas mortos que não regressaram ao mundo dos vivos, existe um Deus Maior e Eterno que se desmultiplicou para poder assistir a todo o Universo, um dia ele irá reparar no planeta Terra e, depois de saber pelos deuses menores, sábios e profetas a quem transmitira as inspirações que conduziram os humanos à Felicidade, que estes as recusaram, falsificaram e tripudiaram? só poderá encolher ombros com desprezo e dizer: *Deixá-los com o seu amok. A liberdade será o seu veneno?*